



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC VII
CENTRO DE ARTES PROFESSOR MARCOS FÁBIO OLIVEIRA MARQUES
COLEGIADO DE TEATRO**

BIANCA BATISTA DOS SANTOS

**TECENDO VIVÊNCIAS, ALINHAVANDO MEMÓRIAS: narrativas do processo
formativo enquanto professora de teatro**

**SENHOR DO BONFIM - BA
2024**

BIANCA BATISTA DOS SANTOS

TECENDO VIVÊNCIAS, ALINHAVANDO MEMÓRIAS: narrativas do processo formativo
enquanto professora de teatro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Educação da Universidade do
Estado da Bahia como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Teatro, pela
UNEB, Campus VII, Senhor do Bonfim, Bahia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Taína Assis Soares.

SENHOR DO BONFIM - BA
2024

Dedico este trabalho às minhas ancestrais que me permitiram chegar até aqui rompendo com os sonhos delas e possibilitando os meus. A vocês, mulheres negras que caminham lado a lado comigo, soprando segredos de sobrevivência. Dentre todas, especialmente, dedico à minha mãe Gilda, que me pariu semente, regou minhas raízes e colherá desses frutos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me conceder saúde, força e sabedoria necessárias para concluir essa jornada acadêmica

Aos/às professores/as das cidades de Ichu, Salvador e Senhor do Bonfim, Bahia. A partir de cada um/a, caminhos me foram possíveis de sonhar e realizar o hoje.

À minha avó, Jardelina Tertuliana de Jesus, (*In memoriam*), meu lugar de afeto, coragem e resiliência.

À minha Mãe, Hermenegilda Batista dos Santos, meu maior elo de amor, inspiração e constância. Sem suas orações a minha jornada não teria sido possível e abençoada.

À Reginaldo Carvalho da Silva, que muito contribuiu com a projeção e execução do Curso de Licenciatura em Teatro, construindo pontes para sonhos antes inalcançáveis. Que o seu conhecimento vasto, sua lealdade, honestidade e resiliência ecoem por gerações.

À minha orientadora, Taína Assis, expresso minha sincera gratidão pela orientação constante e pela paciência inabalável. Sua vasta sabedoria e dedicação foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, e sua contribuição foi fundamental para a sua realização com excelência.

Aos meus sobrinhos, Alessandro e Miguel, minha inesgotável fonte de amor. Por vocês e para vocês farei tudo que estiver ao meu alcance.

Às minhas irmãs de sangue, Tainara Batista e Daiane Nascimento, que me incentivam a continuar o nosso legado familiar.

Aos/às estudantes da Residência Estudantil da UNEB. Em vocês encontrei uma segunda família, leveza em partilhar os risos e coragem para prosseguir.

Às minhas irmãs de alma, Érica Sales e Rainara Oliveira, minha eterna gratidão. Ter vocês ao meu lado antes e durante todo o processo desta escrita foi fundamental para minha confiança em um futuro promissor. Vocês continuam sendo o meu refúgio de paz, para onde sempre posso retornar.

À minha amiga de Ensino Fundamental, Tatiana Dias, cuja amizade permanece constante após catorze anos. Você tem sido meu refúgio para escuta atenta, companheira de grandes aventuras e uma verdadeira irmandade. Mais do que isso, é meu porto seguro.

À Núbia Kalumbi, minha sereia que trouxe a doçura das águas e a força do rio; ora serena, ora impetuosa, desde as pequenas partículas de água até as grandes correntezas, em movimento e transformação, foi esculpindo caminhos favoráveis que outrora lhes foram negados.

Às minhas irmãs de trajetória na faculdade, Agda Terra, Lavínia Fabiana e Jailma Braga. Encontrar vocês foi acalento em meio ao caos, e a certeza de que a nossa irmandade ecoará pelo mundo.

A quadrilha Junina Alegria que contagiava nas pessoas Jeniffer Oliveira, Lucas Souza e De el Alves, por terem sido o movimento fluído, a companhia e o riso solto em meio aos caos.

Ao meu namorado, Jackson Santos, por ter chegado de forma avassaladora ocupando um lugar no meu coração, e me ensinando sobre o amor recíproco, respeitoso e verdadeiro.

Aos/às colegas do Curso que contribuíram significativamente para me acolher na cidade.

À Dona Binha e Seu Cristiano, que intercederam por mim em oração e bênçãos. Que ambos sigam sendo instrumento de Deus na vida de cada pessoa que os conhecerem.

À Rodrigo Figueiredo, por toda paciência e disponibilidade em colaborar nas questões tecnológicas e burocráticas da universidade.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID, por me proporcionar vivências de prática e reflexões enquanto docente, que enriqueceram esta pesquisa e as minhas experiências.

A todos que, na ausência da memória perfeita não citei os nomes mas, contribuíram direta e indiretamente apoiando e incentivando a minha continuidade nos estudos.

E, não menos importante, à Universidade do Estado da Bahia, este lugar c(asa) que me permitiu alçar grandes voos.

“Contudo, a escrita me deixa em profundo estado de desesperação, pois a letra não agarra tudo o que o corpo diz. Na escrita faltam os gestos, os olhares, a boca entreaberta de onde vazam ruídos e não palavras. No registro da letra também faltam o tremor do choro e o rasgo do riso. A fala suspensa foge da escrita. E mais, a grafia não registra a intensidade de um silêncio intervalar, diante de um renovado estado de estupor, vivido nas horas das lembranças. Se contar e recontar são atos marcados por sinais de incompletude, pois difícil é traduzir os intensos sentidos da memória, imaginem escrever. Imaginem perseguir uma sobrevivência. Agarrar a vida, a existência e escrevê-la em seu estado de acontecimentos. Mas persisto nessa intenção. Só falarei do brilho das estrelas, das árvores frondosas que habitam determinada esquina e debulharei as palavras, da sua raiz até as suas derivações, se tudo me vier agarrado à vida. Nem precisa ser só a minha vida, pois me é fundamental a vida das pessoas em meu entorno. Das pessoas, em particular a minha gente, das que estão aqui e agora, das resguardadas tanto pelo passado recente, como das que moram nos fundos dos tempos e que predisseram e predizem o tempo do que vai acontecer. Não descanso, não durmo, não fecho os olhos, não me distraio. Vigio tanto que nem sei se oro. Capto como testemunha ocular ou como ouvinte a dinâmica de vidas que se confundem com a minha, por algum motivo”.

(Conceição Evaristo)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 SEÇÃO I: Estação Part(Ida)	16
2.1 Tempo da Semeadura	16
2.2 Tempo da Germinação	19
2.3 Tempo da Colheita: o encontro com a Licenciatura em Teatro na Universidade do Estado da Bahia	22
3 SEÇÃO II: Travessia	25
3.1 Formação no Ensino: extensão com uma dose de Café Preto	25
4 SEÇÃO III: Desembarque: os estágios docentes	27
4.1 Estágio I.....	27
4.2 Estágio II.....	28
4.3 Estágio III	29
4.4 PIBID: uma nova perspectiva de futuro	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

TECENDO VIVÊNCIAS, ALINHAVANDO MEMÓRIAS: narrativas do processo formativo enquanto professora de teatro

Bianca Batista dos Santos¹

Táina Assis Soares²

Resumo: O presente memorial tem como objetivo descrever, de forma objetiva e sucinta, minha trajetória acadêmica e os desafios enfrentados durante o Curso de Licenciatura em Teatro. Seguindo uma linha de pesquisa de caráter autobiográfico, o trabalho visa compreender como minha experiência enquanto corpo afrodiaspórico contribui para a formação de minha identidade como professora de teatro. Partindo do princípio de que o teatro foi a minha válvula de escape para não sucumbir a uma realidade sem perspectivas, baseio minhas reflexões na obra de Freire (1996), Passeggi (2011) e Ribeiro (2019), que oferecem subsídios teóricos importantes para esta escrita.

Palavras-Chave: Teatro; Educação; Formação; Narrativas; Identidade.

Abstract: This memorial aims to objectively and succinctly describe my academic trajectory and the challenges faced during the Theater Degree Course. Following an autobiographical research approach, the work seeks to understand how my experience as an afrodiasporic body contributes to the formation of my identity as a theater teacher. Assuming that theater was my escape valve to avoid succumbing to a reality without perspectives, I base my reflections on the works of Freire (1996), Passeggi (2011), and Ribeiro (2019), which provide important theoretical support for this writing.

Keywords: Theater; Education; Training; Narratives; Identity

1 INTRODUÇÃO

O presente memorial narra o processo de construção da minha identidade docente, desde a infância vivida no interior da Bahia até a conclusão da Licenciatura em Teatro na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Trata-se, portanto, de um exercício de memória e

¹ Estudante do Curso de Teatro pelo Departamento de Educação, DEDC VII, da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: byanka_batista03@hotmail.com.

² Professora do Curso de Teatro pelo Departamento de Educação, DEDC VII, da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: tasoares@uneb.br.

reflexão sobre as experiências e vivências que marcaram minha trajetória e que contribuíram para a formação da minha prática pedagógica no campo acadêmico.

Arantes (2003) diz que o memorial é uma modalidade de texto autobiográfico que permite ao/à autor/a revisitar seu passado, resgatar suas lembranças, analisar seus sentimentos e avaliar seus aprendizados. Barbosa (1998) também contribui dizendo que o memorial é também uma forma de expressão artística que revela a subjetividade do/a autor/a e sua relação com o mundo. Compreendo que escrever um memorial é um ato criativo que pede uma criticidade pois envolve não apenas a descrição de fatos, mas também a interpretação e a significação dos mesmos.

A escolha do formato de memorial para a conclusão deste trabalho teve como objetivo valorizar e preservar, de forma documentada e detalhada, a memória institucional da autora. Além disso, buscou-se fortalecer a identidade e a imagem da instituição de ensino superior no setor público, tornando a escrita um registro histórico e, quando necessário, um referencial sistêmico.

Ao narrar minha trajetória, é possível retratar também os marcos de grande relevância que marcaram o Curso de Licenciatura em Teatro, visando não apenas fortalecer o senso de identidade de estudantes e professores/as, mas também englobar todos os membros da Instituição. É igualmente importante destacar as diversas possibilidades de aprendizado proporcionadas pela pesquisa sobre si mesmo e sobre o/a outro/a, que são cruciais para a análise e síntese do conhecimento adquirido. Além disso, através deste modelo de memorial, busco evidenciar os desafios e as superações que enfrentei ao longo do caminho, bem como os saberes que desenvolvi e que influenciaram minha escolha profissional e minha prática pedagógica.

Para uma melhor organização deste memorial, dividi a escrita em três seções: Estação Part(Ída), Travessia e Desembarque. Essas seções correspondem a três momentos distintos da minha vida: infância, adolescência e fase adulta. Em cada uma delas, relato minha relação com o teatro, a escola, a cultura distinta e a visão de mundo, desde uma sociedade padronizada até minha formação como docente.

Na consolidação desta parte inicial de minha experiência de formação docente, ênfase a compreensão de que a formação é um processo de pesquisa contínuo. Considero a educação como uma práxis dialógica e transformadora, que me impulsionou a conhecer a mim mesma, minhas origens, desafios e possibilidades. Através desta tomada de consciência, fui capaz de assumir o papel de cidadã e contribuir para a pesquisa, visando uma sociedade que busco ser justa e verdadeiramente democrática.

Compartilho nestas páginas a narrativa de um passado que considero desafiador, uma trajetória acadêmica repleta de atravessamentos que fizeram possível as posições que assumo atualmente como docente. Pretendo (re)significar minha história, buscando atribuir sentido à vida em outros corpos, lugares e tempos, pois acredito que o aprendizado transcende o tempo enquanto o ensino se realiza.

A escolha do título do presente memorial, “Tecendo vivências, alinhando memórias”, foi inspirada na metáfora do tecido como uma forma de representar a vida e de desatar os nós. Penso que, assim como um tecido é composto por vários fios entrelaçados, a vida é composta por variadas histórias que se atravessam e se conectam; cada fio representa uma vivência, uma memória, uma emoção e uma aprendizagem, sejam elas boas ou ruins. Ao tecer esses fios, vou dando forma às memórias e alinhando-as com o referencial teórico necessário à esta construção.

2 SEÇÃO I: Estação Part(Ída)

2.1 Tempo da Semeadura

Conforme abordado por Passeggi (2011), ao narrar sua própria história, a pessoa busca atribuir sentido às suas experiências, e, nesse processo, constrói uma nova representação de si mesma, reinventando-se. Com isto, falar da minha trajetória enquanto ser existente neste mundo parece ser fácil e ao mesmo tempo desafiador. Fácil, por se tratar do meu lugar de fala³ sobre vivências que unicamente atravessaram meu corpo. É desafiador, porque fui ensinada a vida toda a silenciar as felicidades, e, sobretudo, as tristezas.

Aos quatro anos de idade, minha mãe, Hermenegilda Batista dos Santos, a quem carinhosamente chamo de "Mainha", tomou a sábia decisão de nos retirar, a mim e à minha irmã, da capital. Devido à violência e à falta de condições e de pessoas para cuidar de nós, ela nos levou para o interior, onde fomos criadas por nossa avó (*In memoriam*), nossos/as tios/as, e onde convivemos com as galinhas, o cachorro, o gado e tudo o que a zona rural tem de encantador a oferecer. Foi na cidade de nome Ichu, de pouco mais de 6 mil habitantes, que eu, Bianca Batista dos Santos, pude vivenciar histórias que a maioria dos vínculos afetivos que tenho hoje nunca viveram: morar em uma casa modesta à luz do candeeiro, de velas e de muita fé.

³ O conceito de lugar de fala discute o locus social, isto é, de que ponto as pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com as suas experiências em comum (Ribeiro 2019, p.18).

Éramos seis pessoas em casa: além de mim, minha irmã ,Tainara Batista, meu primo Leonardo Bispo, Tia Raimunda, Tio Mané e a matriarca, minha querida avó, Jardelina Tertuliana de Jesus (*In memoriam*). Meu Tio Mané foi a minha referência de pai, exemplo de homem raro de encontrar. Me sinto abençoada em tê-lo presente na minha vida.

Ao escrever sobre minhas primeiras memórias, surgem imagens nítidas da casa de minha avó. Ao redor, havia um rio onde com muita frequência nós íamos. Embora eu nunca tenha aprendido a nadar, me via imersa alí na infinitude da correnteza de Oxum, sem saber se estava sendo levada ou trazida de volta.

Antes mesmo de compreender e vivenciar a arte como esse lugar/casa que me permite ser e estar no tempo presente, em várias versões de mim mesma, tive a oportunidade de experimentar o teatro pela primeira vez na infância, por volta dos sete anos de idade. Ainda muito tímida, participei de desfiles comemorativos e apresentações escolares que me possibilitaram, mesmo que de forma simples, adentrar personagens que me permitiram ser vista. Ou, como costumamos dizer no teatro, estar em cena.

Ressalto que, mesmo na ausência de uma escola que valorizasse as artes, a criatividade, e as integrasse ao currículo e às atividades, desenvolvi na infância certa sensibilidade para essa linguagem, que foi sendo ampliada com as demais experiências que tive ao longo da vida, e que relatarei adiante. Na defesa do que me faltou na escola de primeira infância, Luís Camargo (1994) argumenta que, se não há um espaço para as artes no currículo escolar, será muito difícil que a criança desenvolva sua criatividade.

Diante desta experiência, ainda que eu seja definitivamente apaixonada pela minha vivência de escola na primeira infância, avalio que a Instituição que frequentei não se apresentou favorável ao meu desenvolvimento artístico. Atribuo grande parte deste feito às novelas que assistia pelo rádio, haja vista na zona rural onde cresci o acesso à energia elétrica ser “um artigo de luxo” que a minha família humilde não podia custear. Dou destaque à novela “Bang-Bang”, assistida por mim em 2005, que fez a minha mente de criança alçar vôos no mundo da imaginação. Na minha perspectiva daquele tempo e espaço, achava fascinante acompanhar a novela pelo rádio.

O que mais me chamava a atenção eram as cenas de cavalaria e de tiroteio, as cenas de ação. Sobre ação, em seu Dicionário de Teatro, Pavis (2017) esclarece: “a ação está ligada, pelo menos para o teatro dramático* (**forma fechada*), ao surgimento e à resolução das contradições e conflitos entre as personagens e entre uma personagem e uma situação. É o desequilíbrio que força a(s) personagem(s) a agirem para resolver a contradição” (Pavis, 2017, p.04).

Embora esteja me referindo à telenovela, e não ao teatro específico, a ação dramática se apresentou a mim, neste momento, como forma de compreender os elementos que compõem o processo de fruição, ao qual colocava-me, naquele contexto de ouvir as novelas na rádio, em estado de contemplação.

A emoção causada ao enxergar as cenas através da imaginação e da criatividade infante, apesar de não poder ver imagens concretamente, era possibilidade de acesso à linguagem artística àquela época, que me deixava demasiadamente encantada. Eu não perdia um episódio sequer das novelas, e atribuo a elas o meu gosto atual pela arte e pelo teatro.

De acordo com Luís Camargo (1994), a arte desempenha um papel crucial na integração da personalidade, sendo fundamental para a formação do ser humano. Através da arte, os indivíduos expressam seus corpos, percepções, emoções e intuições, envolvendo-se profundamente com sua criatividade e subjetividade. Esse processo promove a integração dos diversos aspectos da personalidade. O autor destaca que a consciência possui dois movimentos básicos: um que vai de fora para dentro, chamado de introversão, e outro que vai de dentro para fora, chamado de extroversão. Ele ainda compara esses movimentos aos ciclos de respiração: inspiração e expiração. Segundo ele: “Jung chamou a atenção para dois movimentos básicos da consciência – um de fora para dentro: introversão; outro de dentro para fora: extroversão – que nós podemos comparar com os movimentos da respiração: inspiração e expiração” (Camargo, 1994, p. 14).

Estas ideias, compreendo, ajudam a entender a dinâmica psicológica das pessoas e as diferenças em seus comportamentos e preferências. Algumas pessoas tendem a ser mais introvertidas, voltadas para o mundo interno, enquanto outras são mais extrovertidas, voltadas para o mundo externo. Esses movimentos opostos da consciência, análogos aos ciclos de respiração, refletem a subjetividade única de cada indivíduo.

Sem o incentivo adequado para descobrir o teatro, a semente plantada na secura do sertão acabou por germinar no futuro. Não muito distante da realidade de muitos corpos negros da classe menos favorecida, minha infância foi marcada por desafios e, ao mesmo tempo, por vivências singularmente bonitas.

Neste movimento de busca pelo caminho das artes, aos treze anos, conversei com Dona Helena, a vizinha com quem morava na época, e lhe confessei o meu desejo de retornar à capital. Ela, prontamente, decidiu me ajudar, colocando-me em um carro que fazia o trajeto entre o lugar que eu vivi a minha infância e a cidade de Salvador, Bahia. Tudo o que eu tinha era uma sacola de lixo com minhas roupas, uma caixa de papelão com atividades escolares,

minha certidão de nascimento e, principalmente, o endereço da casa de Mainha, além de uma coragem imensa, mesmo sem saber exatamente como construir uma nova perspectiva para meus dias futuros.

Quem me vê hoje pode não perceber o quanto precisei enfrentar desafios e períodos de introspecção para chegar aqui. A jornada que vivi e continuo vivendo é essencial para as transformações positivas que ainda estão por vir, e eu as recebo com gratidão. Acima de tudo, desejo que o teatro continue sendo o meu refúgio e o meu espaço de cura.

2.2 Tempo da Germinação

Ao retornar à capital baiana, o maior desafio foi relembrar as vagas memórias da fisionomia de Mainha, Hermenegilda Batista dos Santos, a mulher que me trouxe ao mundo. Mainha não era dada a demonstrações físicas de afeto nem a palavras carinhosas, mas expressava bastante o seu amor através de suas ações de cuidado. Assim, fui aprendendo que ações como perder noites em uma fila de espera para conseguir uma vaga na escola também eram uma forma de amor.

Voltando às memórias da escola, lembro que, ao ser matriculada no 8º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, enfrentei o racismo e o bullying. Sendo mulher negra, vivenciei a opressão que sofrem os corpos desviantes aos padrões/ideais de beleza, experiência que me afetou profundamente, a ponto de impactar meu aprendizado e as relações interpessoais que mantive. A escola não estava muito atenta a estas questões à época, fator que dificultou bastante a construção de um sentimento de pertencimento à ela.

Sabendo que o bullying nas escolas se manifesta de diversas formas, podendo ser manifesto através de provocações, insultos, agressão física e/ou exclusão social, ressalto que adotar uma conduta de omissão frente ao racismo presente nas escolas traz consequências devastadoras. Tanto os/as agressores/as quanto as vítimas são prejudicados/as, especialmente as vítimas, que desenvolvem problemas emocionais e de autoestima, o que afeta de maneira significativa o seu rendimento escolar.

A experiência que vivi em meu ensino fundamental revela que é urgente que a escola, juntamente com responsáveis e comunidade, trabalhem de forma integrada na implementação de políticas e promoção de práticas pedagógicas antirracistas, sendo crucial promover a conscientização, oferecer suporte emocional às vítimas e responsabilizar os/as agressores/as por suas ações. Entendo que é desafiador combater o racismo em suas formas veladas, especialmente em um contexto rural de pouco mais de uma década atrás, onde havia pouco

contato com discursos antirracistas para enfrentar a realidade violenta. O problema é que, tendo aprendido a lidar com o racismo sem saber exatamente o que era me fez acreditar que as brincadeiras e comentários sobre minha cor e meu cabelo eram coisas naturais, até que na adolescência pude compreender que essas brincadeiras eram, na verdade, violência.

Tratar de racismo, especialmente devido ao seu efeito estrutural, é abordar um sistema de opressão que opera de maneira sistêmica e institucional, enraizado nas estruturas sociais. Esse tipo de violência afeta direitos de diferentes grupos, reforçando desigualdades que continuam a nos atravessar, pessoas negras, em várias dimensões. Dito isto, compreendo que a maneira ainda rudimentar com que a escola e a sociedade de um modo geral lida com o racismo faz com que ele se mantenha, e com que pessoas negras continuem a viver as mais desumanas situações de violência. Em consonância, Djamila diz:

Somos fortes porque o Estado é omissivo, porque precisamos enfrentar uma realidade violenta. Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Reconhecer fragilidades, dores e saber pedir ajuda são formas de restituir as humanidades negadas. Nem subalternizada nem guerreira natural: humana. Aprendi que reconhecer as subjetividades faz parte de um processo importante de transformação (Ribeiro, 2019, p.14).

O trecho de Ribeiro (2019) revela a necessidade que temos, como pessoas oprimidas, de adotar estratégias de resistência para evitar sermos reduzidas a um papel de reatividade passiva-agressiva, que foi o que adotei por muito tempo para lidar com a violência expressa pelo racismo na escola. Na verdade, o que buscamos é uma humanização genuína e um reconhecimento sensível da nossa existência, algo que historicamente nos foi negado; e essa busca por dignidade e respeito muitas vezes é mal interpretada ou desconsiderada, quando, na realidade, é uma expressão legítima do nosso desejo por justiça e por reconhecimento.

Segundo a BNCC (2017, p.60), “durante a infância, as crianças experimentam transformações significativas em seu desenvolvimento, o que impacta suas relações com elas mesmas, com os outros e com o mundo ao seu redor”. O racismo foi um fator significativo que dificultou esse processo, em minha experiência de vida. Devido às barreiras e desafios impostos por essa realidade, à exemplo, acabei reprovando na mesma série por dois anos consecutivos e só consegui avançar na terceira tentativa, em 2010.

Com a mudança para a capital baiana, percebo que a questão do racismo, enfrentada na cidade do interior em que vivi a infância, se tornou ainda mais evidente. Mas, apesar de ter sido uma fase igualmente desafiadora, principalmente em relação às relações que construí, consegui transformar os grandes impactos enfrentados em alicerces para atravessamentos.

Ao sair do Ensino Fundamental, ingressei no Ensino Médio com uma timidez que atribuo às violências que sofri. No entanto, foi ao conhecer o Teatro e vivenciar essas experiências nos últimos anos da trajetória escolar que encontrei o ponto de partida essencial para enfrentar e superar o medo de me expressar, e finalmente tomar coragem de viver o mundo de possibilidades à minha volta/alçar vôos a outros mundos para além daquele meu imediato.

Durante o Ensino Médio, movida pelo desejo de aprender algo novo e incentivada por amigos/as, inscrevi-me em duas oficinas oferecidas por um projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, PIBID, que assistiu a minha escola, chamado “Dança na Educação Básica”. Neste processo, destaco o importante papel que desempenhou a professora de artes Marília Nascimento Curvelo no meu processo de conquista de uma autoestima enquanto mulher negra. Como resultado desse projeto, tive a oportunidade de participar pela primeira vez de uma vivência teatral ao compor o espetáculo "O Baile do Menino Deus", e, em diálogo com a Professora Marília Curvelo, o sucesso desse espetáculo serviu para demonstrar e incentivar-me de que era possível fazer arte com qualidade na escola pública, mesmo sem o apoio financeiro da Secretaria de Educação, ou de outras instituições (Contreiras, Curvelo, 2012)..

Sendo o teatro este lugar/casa que nos permite o reconhecimento do próprio eu, na linhagem mais pura da subjetividade, encontrei nele não somente uma paixão, mas também uma ferramenta poderosa e necessária para o meu aprendizado e crescimento pessoal, no sentido de superação da timidez e de que ali me foi dado ferramentas para lidar com as marcas que o racismo deixou, e profissional. Para Flávio Desgranges (2006) O encontro com a arte se coloca, desde então, fundamentalmente vinculado com a proposição e a produção de experiências. Logo, essa abordagem experiencial com a arte, visa proporcionar experiências e narrativas significativas entre o público e produção artística. E, sabendo que a arte contemporânea na escola seria uma rota de fuga para algo que ainda não tinha nome (o racismo) encontrei o teatro, e nele, meu lugar no mundo. Estava mais do que decidida que fazer teatro seria o meu alicerce para dar sentido à vida, assim sendo, ao concluir o ensino médio em 2013, vaguei por longos cinco anos até encontrar o pré-vestibular na escola onde concluí a educação básica.

Ao retornar para a escola que outrora me deu subsídio para viver o teatro, encontrei ali também uma nova ótica de olhar para o futuro. Pude enfim enfrentar a dualidade do “não lugar” de reconhecimento e pertencimento que marginaliza e exclui nossos corpos, para enfim

encontrar nele ferramentas para potencializar a minha existência por uma ótica de possibilidades, não mais de impossibilidades. Neste sentido, Ribeiro (2017) diz:

Isso é fundamental para entender que o “não lugar” de mulher negra pode ser doloroso, mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência. Talvez aí eu tenha percebido a estratégia de ver a força da falta como mola propulsora de construção de pontes. (p.15)

Acredito que “não lugar” está associado à posição de marginalização de raça e gênero que mulheres como eu enfrentam cotidianamente, como também, pode ser um espaço possível para construir pontes de resistência às violências às quais os nossos corpos são diariamente submetidos; construindo juntas, perspectivas que vão contra os sistemas de subalternização. E, pensando na perspectiva de que corpos negros, como o meu o é, são colocados à margem da sociedade para que não vençam as barreiras que lhes foram historicamente importas, tive de, no decorrer de minha experiência de contato com a arte do teatro, ir buscando caminhos para fugir dessa rota que me era imposta, direta e indiretamente.

Embora já estivesse cansada das inúmeras tentativas falhas no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, descobri que no Colégio Estadual Thales de Azevedo começaria um cursinho pré-vestibular, o Universidade Para Todos, que é um preparatório gratuito que tem por finalidade fomentar e disseminar as políticas que facilitam o acesso à educação pública superior, e que também conta com a UNEB como uma grande parceira.

O ano do pré-vestibular era 2017, e as aulas que assisti eram tocadas com práticas que funcionavam de um modo diferente. Destaco que havia arte na construção de muitos momentos, mesmo que condensada, e a partir das aulas mais práticas me senti mais motivada a descobrir outras potências. Foi assim que descobri minha facilidade com a escrita, então escrevi o meu primeiro poema *A preta resiste* para apresentar no evento “Novembro Negro”, como proposta de encerramento do cursinho. Porém, nenhuma experiência se compara a grandes expectativas criadas para o grande dia, o dia de fazer a tão temida prova do vestibular. Estava bastante ansiosa pois aquela seria a minha primeira vez fazendo a prova do vestibular da UNEB e mal sabia eu que esse momento seria o grande divisor de águas em minha vida, conforme relatarei adiante.

2.3 Tempo da Colheita: o encontro com a Licenciatura em Teatro na Universidade do Estado da Bahia

Embora crescer e amadurecer sejam processos que exigem tempo, é importante salientar que as minhas vivências fizeram com que eu adquirisse certa maturidade mesmo

antes da adolescência. Contudo, o discernimento e a compreensão de mundo sobre seguir caminhos frutíferos chegou quando, enfim, aceitei o meu destino e acreditei que eu também tinha a capacidade de adentrar a universidade pública.

Ao narrar essa trajetória, é possível também retratar, a partir das minhas perspectivas, os marcos relevantes que permearam, sobretudo, o Curso de Licenciatura em Teatro.

Segundo Djamila Ribeiro (2019, p.6) “apesar de a Constituição do Império de 1824 determinar que a educação era um direito de todos os cidadãos, a escola estava vetada para pessoas negras escravizadas”. Embora eu não tenha vivido a escravidão na pele, diretamente, compreendo que muitos dos que vieram antes de mim sentiram na pele a dor do racismo expresso na sua face mais cruel, que tem suas reverberações até os dias atuais. Isto é, diante das possibilidades de portas que se abriram para mim ao longo do caminho, fui ensinada a acreditar que a escola era o limite do estudo se e somente se, eu me esforçasse muito. Também aprendi que me profissionalizar em áreas específicas ao meu desejo era um sonho praticamente impossível.

Considerando que o racismo opera como um sistema estrutural, é fundamental reconhecer que, historicamente, esse sistema tem proporcionado benefícios econômicos à população branca, enquanto a população negra, tratada como mercadoria, tem sido privada do acesso a direitos básicos e à justa distribuição de riqueza (Ribeiro, 2019). Essa ideia de que conquistar sucesso na vida é uma tarefa impossível para uma mulher negra está profundamente enraizada em um pensamento colonialista, que sugere que, como mulher preta e descendente de um povo escravizado, eu não sou capaz de ocupar os mesmos espaços que a branquitude. Apesar das dificuldades enfrentadas e dos desafios de confrontar esse sistema, nada disso impediu uma mulher que estava destinada a vencer.

Após todo o processo de inscrição, o período de espera até o dia da prova e a ansiedade pela correção do gabarito, o tempo que se passou me fez acreditar, com base em experiências anteriores, que eu não havia sido aprovada, antes mesmo da divulgação da lista de aprovados. No entanto, sinto que, em minha jornada, algo já estava traçado antes mesmo das minhas escolhas, e, para minha surpresa, em 2018, fui aprovada no vestibular e garanti meu ingresso na UNEB.

Diante de toda emoção de passar no vestibular e ser a primeira da família a adentrar numa universidade pública, sobretudo na área que era o meu sonho, me manteve uma tarde inteira em estado de êxtase e gratidão. E em meio a toda essa euforia, aconteceu um equívoco que sempre é motivo de riso quando eu compartilho essa história, pois, ao escolher o lugar para cursar a faculdade acabei fazendo confusão entre o bairro Senhor do Bonfim em

Salvador e a cidade Senhor do Bonfim, Bahia, não me atentando que a UNEB campus I fica situada no Bairro Cabula.

Ao descobrir que Senhor do Bonfim não era o bairro e sim uma cidade, corri contra o tempo para conseguir fazer a matrícula dentro do período exigido. E, mesmo já sabendo desde o resultado que a minha mãe - por medo de que não desse certo, consciente de que a arte não é valorizada como deveria, e preocupada com a incerteza de como seria para a filha caçula sair de casa e morar em uma cidade que mal conhecia - não me apoiaria nessa aventura. Eu sentia que pelo menos tentar era só o que eu precisava fazer para alçar novos voos.

Chegando à cidade para realizar a matrícula, situada a mais ou menos 380 km de Salvador, fui recepcionada por pessoas incríveis que logo se disponibilizaram a me ajudar. Mas, nada se compara a honra de ser recepcionada por Reginaldo Carvalho da Silva⁴, o idealizador do curso de Licenciatura em Teatro que, logo mais, seria o meu professor. Reginaldo é dessas pessoas que chega até nós com cuidado e zelo, que sabe ser caminho de possibilidades, é uma poesia rara de se encontrar na vida e furacão quando necessário. Como um bom virginiano, prontamente me recomendou antecipar o horário da passagem de volta, me levou a sua casa para almoçar, e, em seguida, me deixou na rodoviária com destino a Salvador. Ali eu tive total certeza que meu coração passaria a ser bonfinense, e que, em qualquer hora que eu precisasse, teria uma mão estendida a me ajudar.

Após um mês do início das aulas, ainda não havia conseguido comprar as passagens e precisei tomar uma atitude para voltar a Senhor do Bonfim. Decidi organizar uma rifa colaborativa, com uma contribuição de dois reais por pessoa, e passei a explicar minha história para convencer as pessoas a me ajudarem. No dia seguinte, consegui vender todos os bilhetes e, com isso, consegui o valor necessário para a passagem e um adicional para me manter no primeiro mês. Não hesitei: arrumei minhas malas, me despedi dos meus, deixei para trás quem eu era e segui em direção ao meu novo lugar no mundo.

⁴ Doutor em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA em Cotutela com a Université Paris Ouest Nanterre La Defense (2014); Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia-UFBA (2008); Especialista em Arte-Educação pela Universidade Católica de Minas Gerais (2001); Licenciado em Teatro pela Universidade Federal da Bahia-UFBA (2005); Licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB (1999). Integra a Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim - ACLASB, desde outubro de 2014. É professor Adjunto B, da Universidade do Estado da Bahia (Campus VII). Presidiu a Comissão de Elaboração do projeto que implementou o Curso de Licenciatura em Teatro na UNEB - Campus VII em Senhor do Bonfim - BA. Foi Coordenador do Colegiado de Teatro do Campus VII da UNEB entre os anos de 2017 e 2019. É membro do GruPANO - Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Brasileiro. Conselheiro da Casa Anísio Teixeira, em Caetitê/BA. Tem experiência na área de Artes Cênicas, atuando como pesquisador de Circo e Teatro, especialmente Melodrama; e em Educação, com ênfase em Pedagogia, atuando principalmente nos seguintes temas: fundamentos do ensino de artes e metodologia do ensino de teatro.

3 SEÇÃO II: Travessia

3.1 Formação no Ensino: extensão com uma dose de Café Preto

O projeto de artes cênicas negras Café Preto: Rua, Rede, Palco e Picadeiro do Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Brasileiro (GruPANO), foi idealizado e realizado pelo professor Reginaldo junto a estudantes do curso de Licenciatura em Teatro da UNEB, Campus VII.

A linha de pesquisa antirracista desenvolvida pelo projeto Café Preto ocorreu dentro do período pandêmico da COVID-19⁵. O projeto tem o objetivo de promover discussões teórico-metodológicas sobre temáticas antirracistas, cujas perspectivas epistemológicas são pontuadas como forma de produzir questionamentos e potencializar a relação dialógica, a fim de discutir e formar pesquisadores/as no campo das Artes Cênicas.

Uma das grandes experiências que classifico como pontes para atravessamentos que vivi no contexto acadêmico, sem dúvida, foi ter feito parte desse projeto de forma ativa. Fiz parte da produção e comunicação, e, partindo do pressuposto de que por causa do racismo estrutural, a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade (Ribeiro 2019, p.22), evidencio que adentrar a universidade pública vivenciando um projeto pensado por uma pessoa preta, para pessoas pretas, é condição de possibilidade para que se rompam com os estereótipos da branquitude em sistematizar desigualdades.

O projeto Café Preto promoveu diálogos enriquecedores em formato de mesa redonda, reunindo convidados/as de diversos segmentos, como mulheres e pessoas LGTBTTQIAPN+ pretas, palhaços/as, dramaturgos/as, dançarinos/as e criadores/as pretos/as. Esses encontros virtuais, realizados semanalmente, foram transmitidos ao vivo pelo canal no YouTube e organizados em três categorias: Magia Negra, Lista Negra e A Coisa Está Ficando Preta.

As mesas aconteciam nas três primeiras quartas-feiras do mês, sempre das 19h00 às 21h00, culminando com a Quilombolive, onde consultores/as convidados/as como Cristina Viana, Eliete Fagundes e Nilson Barbosa dialogavam sobre os resultados das lives anteriores. Cada encontro se propunha a discutir a importância de reestruturar e reformular o pensamento hegemônico, evitando a subalternização de nossas existências.

⁵ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

Um dos destaques foi a live com Val Conceição, mediada por Melissa Bonfim, onde ambas abordaram a relevância das mulheres pretas na cena cultural. Elas enfatizaram a necessidade de visibilidade e valorização dessas vozes, que muitas vezes são marginalizadas. A conversa não apenas celebrou as contribuições desses/as artistas, mas também instigou reflexões sobre como suas experiências e perspectivas podem enriquecer o panorama cultural contemporâneo.

Esses diálogos, ao promoverem a troca de saberes e experiências, não apenas ampliaram a fruição cultural, mas também fortaleceram a luta por equidade e representatividade, criando um espaço de resistência e celebração da diversidade. Neste sentido, é urgente falar sobre as temáticas do pensamento do Feminismo Negro, não como supérflua manifestação identitária, mas como importante contribuição para a reestruturação social de grupos minoritários, tendo em vista o locus social e as experiências que dele emergem (Berth *et al.*, 2019).

A execução do projeto durante o período de pandemia teve um impacto significativo, especialmente com a contribuição de Val Conceição, que destacou a importância da presença de corpos/as pretos/as nas universidades. Ela enfatizou que essa presença não é apenas uma questão de inclusão, mas sim uma forma de enegrecimento das instituições, onde esses/as corpos/as não apenas ocupam espaços, mas também exercem poder e influência, reafirmando que somos, de fato, a própria universidade.

Val Conceição trouxe à tona a necessidade de reconhecer e valorizar as experiências e saberes que essas pessoas trazem, desafiando a hegemonia do conhecimento tradicional e a sua fala instigou reflexões sobre como a diversidade nas universidades pode enriquecer o ambiente acadêmico, promovendo uma educação mais plural e representativa.

Além disso, essa discussão se tornou um espaço de resistência e afirmação, onde a luta por equidade e representatividade se entrelaça com a construção de um novos paradigmas educacionais. Ao ocupar esses lugares de poder, os/as corpos/as pretos/as não apenas reivindicam seus direitos, mas também transformam a própria estrutura universitária, contribuindo para um futuro que nos considera e aos nossos saberes. Essa perspectiva, evidencio, é fundamental para a construção de um ambiente acadêmico que reflita a diversidade da sociedade e promova a valorização de todas as vozes.

Na interseccionalidade proposta por Kimberlé Crenshaw em 1989 e debatida por Carla Akotirene (2019), essa abordagem é apresentada como uma estrutura analítica que reconhece a interação entre diferentes sistemas de opressão e privilégios relacionados à raça, classe, gênero e sexualidade. Refletir sobre a presença de corpos/as pretos/as, especialmente

femininos, no ambiente acadêmico como uma forma de pensamento crítico abre importantes dimensões para o empoderamento, ao mesmo tempo em que ressalta a necessidade de conectar essas diferentes dimensões, reconhecendo que os processos individuais não podem ser dissociados dos processos coletivos (Berth *et al.*, 2019).

Finalmente, discutiui-se nos Cafés Pretos a importância de não desconsiderar a ideia de que, ao ingressar em uma universidade, não trazemos nada conosco. Pelo contrário, essa visão é essencial para analisar as desigualdades sob uma perspectiva de gênero, levando em conta os contextos sociais das mulheres (Berth *et al.*, 2019). Existem diversas lacunas relacionadas ao processo de embranquecimento cultural e intelectual, que se originam do racismo institucional e um dos contextos que contribui para isso é o projeto político que embasa a construção da educação pública, onde vozes e corpos/as não-brancos historicamente têm sido negligenciados/as em favor da mercantilização da educação, representando uma barreira significativa para a formação de uma consciência crítica (Berth *et al.*, 2019).

4 SEÇÃO III: Desembarque: os estágios docentes

4.1 Estágio I

Durante essa jornada acadêmica, foram oferecidos componentes na grade curricular e estágios obrigatórios que proporcionaram vivências significativas para o meu processo formativo. Os componentes incluíam: Estágio I – Espaço Não Escolar, Estágio II – Ensino Fundamental II e Estágio III – Ensino Médio.

No Estágio I, a proposta surgiu do desejo de três pessoas trabalharem em torno da construção de uma peça com o tema casamento matuto. Após conversarmos com o professor responsável, Reginaldo Carvalho, ele concordou com a ideia, mas alertou que as exigências seriam maiores devido ao número de participantes. O desenvolvimento do projeto sobre o Casamento Matuto envolveu leituras de textos, definição de personagens, ensaios e jogos teatrais de Viola Spolin (2007), que foram fundamentais para ajudar a superar a timidez do grupo de alunos/as com quem estávamos trabalhando.

Ao final, cada jogo e cada roda de conversa se mostraram essenciais para que os/as alunos/as tirassem suas dúvidas, buscassem aprimorar suas performances e entregassem um resultado satisfatório. O início do projeto foi, para mim, a parte mais desafiadora. Encontrar um espaço não formal, convencer um grupo a colaborar conosco no estágio e, a partir disso,

trazer ideias e contribuir ao máximo com um grupo que, na sua maioria, não tinha experiência na atuação foi um grande desafio.

Conseguimos dialogar com o Núcleo de Estudos em Dança da Bahia, coordenado por Edson Damasceno, Murilo Aguiar e Valternir Ferreira, todos discentes da Licenciatura em Teatro da UNEB. Eles compartilharam de nosso interesse pelo espetáculo, mas não tinham tempo para trabalhar a cena, corpo e voz com a turma. Criar, sentar, ouvir, opinar e ensaiar foram partes integrantes deste processo criativo de montagem, e que demandaram a mobilização de muitos conhecimentos dos que eu havia construído ao longo do curso de Teatro. Trabalhar em trio exigiu paciência e maturidade para lidar com as questões de cada um/a, sem permitir que as questões pessoais interferissem em um trabalho coletivo, garantindo que ninguém fosse prejudicado em um processo desafiador.

Durante nossas investigações para montar a peça “Casamento Matuto”, decidimos referenciar nossa montagem a partir de autores do contexto bonfinense, no Piemonte do Itapicuru, pois partilhamos do pensamento de que é importante aprender com os/as nossos/as e construir saberes na perspectiva de dar visibilidade a esses/as importantes pesquisadores/as.

4.2 Estágio II

No Estágio II, direcionado aos Anos Finais do Ensino Fundamental, realizei atividades de observação e de regência nas salas de aula dos alunos do 6º ao 9º ano na Escola Municipal de 1º Grau de Tijuacu. O objetivo foi compreender as dinâmicas entre alunos/as, entre alunos/as e professores/as, e entre alunos/as e conteúdo dentro do ambiente escolar.

O Professor Dr. Reginaldo Carvalho forneceu a base teórica essencial para todos/as nós estagiários/as, abordando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e o Documento Curricular Referencial da Bahia. E, durante o semestre correspondente, iniciei as observações e, após esse período, avancei para a regência sob a orientação do Professor de Estágio II.

A proposta principal era implementar os Jogos Teatrais de Viola Spolin de maneira consistente. No entanto, a dificuldade de transporte para o colégio e o desafio de adaptar os meus horários foram obstáculos significativos, mas, apesar dessas dificuldades, consegui realizar uma introdução sobre teatro, narrativas e práticas do jogo teatral de forma adaptada ao tempo disponível.

Saliente que, mesmo com esses desafios, pude refletir sobre a complexidade de estar na sala de aula e, ao mesmo tempo, considerar a importância de não replicar práticas

opressivas. Paulo Freire nos lembra que "quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é tornar-se o opressor" (Freire, 1987, p.32). A experiência me fez perceber a beleza e o impacto da arte de educar, especialmente quando somos guiados/as por referências que nos inspiram a repensar o processo de ensino-aprendizagem, transformando tanto professores/as quanto alunos/as.

No estágio II, compreendi que é essencial humanizar as relações ao considerar as vivências e particularidades de cada aluno/a. Embora o teatro possa, às vezes, desafiar a ordem rígida da escola, ele também a enriquece e toca os corações dos alunos/as, sejam eles/as atores/atrizes ou plateia (Silva, 2018). Acredito firmemente na importância de integrar o teatro nos espaços da Educação Básica, pois ele oferece novas perspectivas de vida e contribui para a formação de saberes que impactarão tanto a trajetória dos alunos/as quanto a minha própria formação como docente.

Vivenciar o estágio em uma comunidade quilombola, para mim, foi, sem dúvidas, a mais valiosa contribuição deste processo todo, pois, ela não só me ajudou a responder a várias dúvidas sobre a docência, mas também me mostrou a importância de ser uma referência negra para meu próprio quilombo. Muitos/as jovens da comunidade enfrentam a dura realidade de ver seus sonhos ameaçados simplesmente por serem negros/as, vivência que hoje me motiva a seguir em frente, apesar das incertezas e desafios.

4.3 Estágio III

A terceira experiência de estágio que vivenciei teve início com a etapa de observação, conforme é habitual. Iniciei essa fase no dia 19 de abril de 2023, com uma turma do 3º ano do EJA (Educação de Jovens e Adultos/as), sob a orientação da professora de estágio, Dra. Taína Assis.

Ao iniciar as observações com a turma do EJA, foi possível perceber que a realidade da sala de aula se torna comprometida quando o tempo disponível para o ensino é de apenas vinte e cinco minutos, o que afeta negativamente a qualidade do ensino, especialmente na disciplina de Artes, em meu pensamento formado a partir da experiência que vivi. Percebi a diferença de fazer um trabalho no contexto do ensino na escola regular, onde é possível observar uma abordagem mais consistente do ensino de artes.

A proposta inicialmente pensada era trabalhar com os Jogos Teatrais de Viola Spolin, com a meta de culminar em uma exposição fotográfica. No entanto, essa ideia não pôde ser concretizada devido às dificuldades em alinhar o projeto com o cronograma escolar. Apesar

desses obstáculos, consegui realizar uma introdução ao teatro e às práticas dos jogos teatrais, embora de forma condensada devido ao tempo limitado.

Além disso, a demanda foi afetada por eventos como os jogos escolares, que liberaram os/as alunos/as por quase duas semanas para participar de competições e assistir aos jogos, e, também, pela proximidade do período junino. Durante esse período, os/as alunos/as foram responsabilizados por ornamentar suas salas, uma atividade que se tornou uma obrigação avaliada e que gerou até mesmo rivalidades entre os pares. Essas circunstâncias impactaram a continuidade e a profundidade da proposta de trabalho com o teatro que nós havíamos pensado para o estágio.

Durante minha vivência no ambiente escolar de Ensino Médio, pude não apenas observar, mas também experimentar de forma pessoal as lacunas presentes na Educação Básica, especialmente nas escolas públicas. Foi revelador perceber que, apesar do esforço admirável de muitos/as professores/as, que, mesmo sem uma formação específica em Artes, enfrentam o "desafio" de ensinar essa disciplina, surgem dúvidas sobre suas reais motivações. Muitos/as desses/as profissionais, pelo que pude observar, assumem a disciplina apenas para cumprir as suas cargas-horárias, e frequentemente a dedicação à Arte parece ser mais superficial.

Essa realidade me fez refletir profundamente sobre o papel do fazer artístico na escola e, principalmente, sobre a atuação do/a docente. Senti-me frequentemente questionando o verdadeiro impacto e a eficácia do ensino da Arte em um contexto onde a preparação para ensinar essa disciplina muitas vezes é limitada. Analiso que este foi um momento de introspecção e conscientização sobre as dificuldades e as contradições enfrentadas por professores/as e alunos/as, destacando a necessidade urgente de um compromisso mais genuíno e uma formação mais robusta para o ensino da Arte. Compartilho do sentimento expressado por Barbosa (2020, p.4), que destaca a importância de refletir sobre esses desafios e as implicações do ensino da arte.

Na escola, as artes não só devem ter seu espaço específico como disciplinas no currículo, embora ensinadas através da experiência interdisciplinar, mas, também, lhes cabe transitar por todo o currículo, enriquecendo a aprendizagem de outros conhecimentos, as disciplinas e as atividades dos estudantes.

De todas as dúvidas que tive, a que mais me inquietou foi: as escolas realmente consideram a Arte como um dos principais, se não o maior, propulsores de saberes? Levantei esta questão porque acredito que não basta que a Arte seja apenas uma matéria com horário marcado; é fundamental também integrá-la transversalmente em todo o currículo (Barbosa,

2020), pois, incorporando elementos artísticos em outras disciplinas, os/as alunos/as têm a oportunidade de construir conexões entre diferentes áreas do conhecimento.

A arte na educação, tanto como expressão pessoal quanto como elemento cultural, é um instrumento vital para a identificação cultural e o desenvolvimento individual (Barbosa, 2020). Um saber consciente e informado é essencial para a aprendizagem eficaz em arte, portanto, deve-se buscar respostas para a pergunta anterior através da prática, na esperança de que o ambiente escolar encontre novas formas e perspectivas para construir o conhecimento. Compartilho do pensamento de Barbosa (2020, p.5) quando diz:

Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito de alma”, não estamos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional.

Concluo a exposição desta experiência dizendo da consciência de que, como estagiária, eu não podia simplesmente chegar e transformar um projeto escolar que está profundamente enraizado no sistema. No entanto, acredito que é possível promover mudanças significativas nesses ambientes através da arte-educação. O ensino na sala de aula não deve se basear apenas na obrigação, mas deve emergir da construção coletiva e da busca pessoal de cada aluno/a pelo campo artístico ou por qualquer outra área de interesse. Entendo que é fundamental humanizar as relações educacionais, considerando as vivências e particularidades de cada aluno/a, e, a arte, como uma linguagem única, é condição capaz de transmitir significados que não podem ser expressos por outras formas de linguagem, como as discursivas ou científicas (Barbosa, 2020). Evidencio que a arte-educação tem o potencial de enriquecer e transformar a experiência educativa de maneira profunda e única.

4.4 PIBID: uma nova perspectiva de futuro

A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

(Freire)

De acordo com Paulo Freire (1987), antes mesmo de se aprender a ler e a escrever, a nossa leitura de mundo se constitui a partir dos nossos sentidos, das relações e vivências. Deste modo, acredito que este memorial possa contribuir para o registro da minha história de vida e de formação como professora de teatro, bem como, para o compartilhamento das minhas experiências com outras pessoas que se interessem pelo tema aqui abordado. Desejo

que este memorial possa me ajudar a compreender melhor quem eu sou e quem eu quero ser no mundo como pessoa e profissional, e que também possa servir de inspiração para todas as pessoas que sonham, mas acima de tudo, que caminham em direção ao encontro de novas perspectivas de olhar para si, de dentro pra fora.

A experiência que vivi no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi extremamente enriquecedora. O PIBID tem como objetivo fortalecer o vínculo entre a formação docente e a prática em sala de aula nas escolas públicas da educação básica, aproximando a universidade do ambiente escolar. Esse programa busca, portanto, promover uma educação de qualidade, centrada no processo de ensino-aprendizagem, e facilitar uma integração mais eficaz entre a teoria acadêmica e a prática educativa real.

Este registro reflete a minha experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e tem por objetivo articular as memórias e produções artísticas desde o início até a conclusão do projeto, além de refletir sobre a importância desse processo formativo para a minha atuação docente.

Durante essa jornada, compartilhei aprendizados com os outros 23 monitores/as envolvidos/as no projeto, o que enriqueceu minha experiência. Também é importante avaliar as dificuldades e potencialidades das pessoas envolvidas, especialmente na aplicação da linguagem teatral como ferramenta pedagógica. O teatro, como meio de expressão e ensino, desempenhou um papel central na minha atuação e na dinâmica das escolas, oferecendo algumas aprendizagens que são muito valiosas sobre a prática educativa e a formação docente.

Em consonância com a Base Nacional Comum Curricular, BNCC, a Arte se destaca como uma linguagem fundamental que dialoga com as diversas dimensões do conhecimento. Ela caracteriza as subjetividades dos/as alunos/as por meio de suas vivências artísticas, permitindo uma abordagem que não apenas enriquece o entendimento acadêmico, mas também valoriza e expressa as experiências e identidades individuais, portanto, ela contribui para uma formação integral, promovendo a expressão pessoal e a reflexão crítica dentro do ambiente escolar. Isto é:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. (Brasil, 2017, p.189).

Tais dimensões do conhecimento estão alinhadas com o incentivo à fruição do ensino e aprendizagem da Arte com o propósito de facilitar as linguagens artísticas amplificando-as para uma reflexão autônoma, crítica e sensível. Desta forma, é possível compreender que a

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, Lei 9.394/96, garante que a “Educação Básica seja ofertada em sua totalidade como prioridade, garantindo a todo cidadão brasileiro a formação humana, cidadã e profissional no ambiente educativo” (Brasil, 1996, s/p). E refletir sobre essa fruição de ensino, me fez pensar em muitos momentos sobre qual perspectiva essa fruição didática aconteceria de modo a ser significativa não só para os/as alunos/as, mas principalmente para a minha formação acadêmica, partindo do pressuposto do pensamento de (Freire, 2003, p.43) de que “ensinar não é transferir conhecimento e que aprendo ao passo que ensino”. Nesta perspectiva, ensinar vai muito além do que simplesmente transferir conteúdos, é preciso criar condições para que os/as estudantes se tornem sujeitos ativos no seu processo individual de aprendizagem a partir dos estímulos do/a professor/a mediador/a.

Muitas vezes foi possível refletir sobre essa “rebeldia” que Paulo Freire (2003) debate em “Pedagogia da Autonomia”, pois, muitas das relações entre professor/a e aluno/a dão-se através do engessamento do diálogo, da metodologia ensinada de forma mecânica e da ação educadora sem o lugar de escuta. Com isto, acredito que esta ação educadora em variadas situações, precisa anteceder a produção de conhecimento não apenas pelo que o ensino formal ainda insiste - em despejar conteúdos programáticos para os educandos - de modo que, a minha prática se confunda com imposição. Antes de tudo, é preciso fazer um movimento contrário tornando possível respeitar a autonomia, a dignidade e a identidade do/a educando/a para que não se confunda autoridade com autoritarismo (Freire, 2003).

Vivenciar o campo investigativo da docência em duas escolas diferentes por meio do PIBID me fez perceber mundos diferentes e também repensar o meu lugar enquanto profissional. Há uma grande responsabilidade, enquanto educadora, de fortalecer o senso crítico dos/das estudantes como estímulo para o aprendizado, a curiosidade e a própria independência. Ainda de acordo com Freire, o/a educador/a democrático/a não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do/a educando/a, sua curiosidade, sua insubmissão (Freire, 2023). Tais práticas se constroem ao longo do tempo a partir da compreensão de que não há docência sem discência pois, a relação entre educador/a e educando/a precisa ser antes de tudo, dialógica e recíproca, relação esta, fundamental para uma educação libertadora pela busca autônoma do desenvolvimento crítico dos sujeitos inseridos no ambiente escolar.

É importante salientar que o PIBID se tornou possível a partir da iniciativa de Reginaldo Carvalho da Silva em não apenas escrever o projeto para o Curso de Licenciatura em Teatro, mas de nos introduzir e preparar para a docência a partir das orientações que foram relevantes para o desempenho do coletivo. Sua didática acompanhada de um riquíssimo

referencial teórico, facilitou e contribuiu ainda mais na nossa fruição pedagógica, bem como, na solução de problemáticas que apareceram durante o processo. Aqui, há uma riqueza imensurável em propagar a arte na educação básica, para jovens negros/as e toda uma comunidade carente de um olhar sensível que oportuniza, visibiliza e reconstrói um contexto histórico.

Concluo com a sensação de dever cumprido por ter participado de um projeto tão significativo para minha formação e para a rede de educação pública. Apesar dos inúmeros desafios enfrentados pelo ensino escolar na educação básica, percebo um grande avanço no ensino do teatro nesses espaços de formação. Esses desafios estão intimamente ligados à construção da prática pedagógica, que não se desassocia do contexto nem dos fundamentos da ação em sala de aula. Para que o contexto esteja alinhado com as práticas, é essencial adquirir um sentido e um direcionamento claro em tudo o que se propõe. Além disso, ao refletir sobre a realidade em que um dia estive inserida, reconheço que a educação e a prática docente desempenham um papel fundamental no meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ainda há muito a ser construído, especialmente ao enfrentarmos realidades que fogem do ideal de processo formativo – quando a prática ultrapassa a teoria – e da ação pedagógica – quando não há uma conexão entre pensamento e ação no cotidiano. No entanto, é importante destacar que, mesmo com as certezas adquiridas, muitas dúvidas continuarão a surgir no campo da formação docente. Embora tenha adquirido saberes valiosos por meio do PIBID, meu processo de formação é e continuará sendo uma obra em constante (re)construção.

Anteriormente, minha escolha em ser professora estava totalmente associada à ideia de que eu precisava mudar a minha própria realidade. Hoje, opto por esse campo formativo com a crença de que é possível transformar a realidade do/a outro/a. Acredito que, por meio da educação, podemos criar novas perspectivas e possibilitar que aqueles/a que estão à margem ocupem o centro da mesma forma que um dia eu também busquei ocupar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda a minha jornada na universidade, tive a oportunidade de explorar com profundidade a arte de ensinar através do Teatro. Acredito que o ensino de Artes é uma prática complexa e multifacetada, que exige de nós, educadores/as, uma combinação de habilidades técnicas, estratégias pedagógicas e de criatividade. Embora não seja possível

alcançar a perfeição em todas essas áreas, é possível e gratificante construir práticas guiadas por teorias que se aproximam de uma educação para a conquista da autonomia e liberdade.

Avalio o ato de ensinar como um campo fascinante de atuação profissional, repleto de complexidades e de riquezas, especialmente no contexto do/a licenciado/a em Teatro. A partir da reflexão sobre o papel do/a educador/a de teatro, suas metodologias, desafios e potencialidades, pode-se compreender a importância fundamental da arte na educação, com foco no desenvolvimento pessoal, social e cultural dos indivíduos. O teatro, além de promover habilidades técnicas e artísticas, desempenha um papel crucial na expressão individual e coletiva, na empatia, na criatividade, na autoconfiança e na reflexão crítica.

Por meio desta experiência de formação, foi possível observar que os/as professores/as de teatro precisam não apenas dominar as técnicas de atuação, mas também desenvolver métodos eficazes de ensino e aprendizagem. E, para isto, é preciso envolver a adoção de abordagens flexíveis e centradas na especificidade de cada estudante, com o intuito de despertar o interesse e a participação ativa dos/as mesmos/as no ambiente escolar. Nesse sentido, a formação dos/as professores/as de teatro precisa abranger não apenas o domínio técnico, mas também o desenvolvimento de habilidades de liderança, comunicação e sensibilidade artística, formando profissionais capazes de inspirar e transformar outras vidas por meio do fazer teatral.

Concluo compreendendo que a arte de ensinar teatro nada tem a ver com a transmissão de conteúdos, pelo contrário, o processo de ensino-aprendizagem é cíclico, contínuo, e se traduz pela sua dimensão sensível e criativa, cujos estímulos possibilitam o desenvolvimento da autonomia intelectual e integral dos sujeitos. Nós, enquanto professores/as de teatro, precisamos fomentar a criatividade, a expressão individual e o senso de colaboração entre os/as alunos/as, na perspectiva de criar um ambiente propício à descoberta e ao crescimento pessoal. Faz-se necessário o investimento no ensino e na cultura como forma de valorização e aprimoramento dessas práticas educativas para fortalecer esta arte milenar, que é o teatro, capaz de transformar não somente o ambiente escolar, mas também a vida desses sujeitos. Essa transformação diz respeito ao processo de se reconhecer enquanto cidadãos/ãs, produtores/as de cultura que possuem o direito de serem livres e fazerem suas escolhas, bem como terem assegurados o direito a um futuro digno com oportunidades e respeito.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ARANTES, V. A. **Afetividade e cognição**: rompendo a dicotomia na educação. Videtur, n. 23, p. 5-16, 2003.
- BARBOSA, A. M. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.
- BARBOSA, E. F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais**. Educativa, out. 1998.
- BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- CAMARGO, L. **Arte-educação: da pré-escola à universidade**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1994.
- CONTREIRAS, C.; CURVELO, M. N. Dança na educação básica: o PIBID-dança em escolas de ensino médio da rede pública estadual de Salvador. In: II Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA, 2012, São Paulo. **Anais do II Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA) - 2012 - Teorias do CorpoDança: ensino, pesquisa e cena**, 2012.
- DESGRANGES, F. Arte como experiência da arte. Lamparina: **Revista de Ensino do Teatro**, v. 1, p. 50-57, 2006.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 24. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- PASSEGGI, M. da C. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 02, p. 147-156, 2011.
- PAVIS, P. **Dicionário da performance e do teatro contemporâneo**; tradução de J. Guinsburg, M. H. de Gody, A. C. A. e Souza. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

SPOLIN, V. **Jogos teatrais na sala de aula**: um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ANEXOS

A PRETA RESISTE

*Você que é branco,
Você que é pardo,
Porque me discrimina?
Não me privilegia?
E me torna invisibilizado?*

*Logo você
Que as vezes
É visualmente branco
Mas é preto enraizado.*

*Sei da minha história
Conheço os meus antepassados
E é por isso que Dandara e Zumbi dos Palmares
Até hoje são lembrados.*

*Eu não quero ascensão
O que eu quero é empatia.
Se coloca no meu lugar
Não vê?
Mas eu sangro todo dia.*

*A falta de informação
Enfraquece a mente
Preto, não é novidade,
Preto é ser resistente.*

*Ainda na infância
Meu cabelo alisava
Porque além de pobre e preta*

Por meu crespo era rotulada.

Pobre menina

Não sabia de nada

Mas hoje ela cresceu

E é uma negra empoderada.

(Bianca Batista)